

**“Obsessiva eternidade”:
O fim do mundo rural, segundo Aquilino Ribeiro**

Peter Haysom

Universidade do Porto

Resumo: Este ensaio considera um apocalipse parcial: o fim do mundo rural, uma realidade sociológica evidente numa sociedade cada vez mais urbanizada e globalizada. O estudo concentra-se no romance português *Quando os Lobos Uivam*, escrito por Aquilino Ribeiro e publicado em 1958, considerando a forma como este autor retrata o antes, o durante e o depois de um apocalipse rural. O texto considera estas três componentes apocalípticas: a conceptualização de um mundo em perfeita harmonia com o seu entorno natural; os actos do governo que conduzem à destruição deste mundo; a terra pós-apocalíptica que aparece nas últimas páginas do romance. Conclui-se que, neste romance dos anos cinquenta, Aquilino Ribeiro antecipou o fim do seu mundo rural, da Beira Alta, um fim que viria a concretizar-se nas décadas seguintes.

Palavras-chave: Aquilino Ribeiro, *Quando os Lobos Uivam*, rural, local, apocalipse

Abstract: This essay considers a partial apocalypse: the end of the rural world, an obvious sociological reality within an increasingly urbanised and globalised society. The study focuses on the Portuguese novel *Quando os Lobos Uivam*, written by Aquilino Ribeiro and published in 1958, considering the way in which this author portrays the before, during and after of a rural apocalypse. The text considers these three apocalyptic components: the conceptualisation of a world in perfect harmony with its natural environment; the actions of the government which leads to the destruction of this world; and the post-apocalyptic land which appears in the final pages of the novel. It is concluded that in this 1950s novel, Aquilino Ribeiro anticipated the end of his rural world, of the Beira Alta, an end which would become a concrete reality over subsequent decades.

Keywords: Aquilino Ribeiro; *Quando os Lobos Uivam*; rural; local; apocalypse

Imaginemos um mundo dentro do nosso mundo, que todos conhecemos, mas que já deixou de existir. Em 2005, o então Presidente da República, Jorge Sampaio, participou num colóquio intitulado «Poder Local em Tempo de Globalização», organizado pela Universidade de Coimbra. No seu discurso de abertura, Sampaio salientou determinadas áreas em Portugal, nomeadamente as zonas afastadas dos centros urbanos, que considerava como *mortas*, contrapondo as “conurbações metropolitanas” e as “áreas de forte potencial turístico” às “regiões em perda, demograficamente rarefeitas e envelhecidas com uma economia rural em crise ou em completa desagregação” (2005: 10). De facto, pode-se observar o desaparecimento progressivo ou até a destruição ativa de antigas comunidades rurais ao longo de várias gerações, em muitos países. No caso português, as políticas públicas e as obras realizadas por sucessivos regimes podem ser associadas ao fim de aldeias tradicionais, como se verifica na decisão do Estado Novo de esvaziar Vilarinho da Furna para construir uma barragem durante os anos sessenta e setenta (cf. Antunes 2005).

No que se refere à cultura portuguesa, a consciência da perda das comunidades rurais é evidenciada no filme *Ainda Há Pastores?* (2006), realizado por Jorge Pelicano, que retrata as aldeias isoladas na Serra da Estrela; isto é, um “mundo” quase completamente desaparecido. Podemos destacar ainda o livro *Estrada Nacional* (2016), escrito pelo poeta Rui Lage, que constitui um elogio ao mundo rural, através de versos que evocam uma sociedade em vias de extinção:

São lustres no vestíbulo das serras,
castiçais, crostas incandescentes
que amortalham calvários passados,
são braseiras viradas nas encostas
por algum deus desastrado,
farinha de estrelas peneirada
no firmamento
e ardida na masseira do fomento
e da coesão regional. (2016: 18)

Considerando esta preocupação na cultura contemporânea com o desaparecimento das comunidades tradicionais, o meu ensaio irá debruçar-se sobre o

cenário do fim do mundo rural, tal como retratado pelo ficcionista português Aquilino Ribeiro no seu romance *Quando os Lobos Uivam*, de 1958. Proponho que esta obra retrata o antes, o durante e o depois de um apocalipse: o fim da aldeia portuguesa tradicional, de uma comunidade que desaparece, embora a terra, o espaço, continue.

I: Um mundo à parte

Segundo a *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, a palavra “mundo” significa “o conjunto dos seres existentes considerados na sua unidade e totalidade” (Freitas 1991: 1031), uma definição que nos permite conceptualizar um mundo parcial, particular e situado. Cito também Rosa Maria Martelo, no seu texto “Fim do mundo/reiniciar”, quando afirma que “o fim do mundo também é um lugar, um lugar último, extremo”, porque a expressão pode ter um “sentido topográfico, espacial” (2015: 12-13). Dito isto, parece-me prudente retomar ainda uma pergunta feita por Raquel S., na sua comunicação durante o Seminário do Fim do Mundo III.2: “O fim do mundo tem de se referir à História? Qual é a sua dimensão: (...) O desaparecimento de um lugar, como uma aldeia submersa por causa da construção de uma barragem?” (2015: 38). Eis o nosso ponto de partida, uma aldeia. Provavelmente a autora remetia para o caso de Vilarinho da Furna, mas os seus comentários poderiam referir-se facilmente à aldeia aquiliniana.

Ora, a sociedade de aldeia, na Beira Alta, constitui “o centro vital da visão do mundo de Aquilino Ribeiro”, nas palavras de Alfredo Margarido (1985). Esta tendência verifica-se, por exemplo, nos seus romances mais conhecidos: *Terras do Demo* (1919) e *Andam Faunos pelos Bosques* (1926). Em *Romance de Camilo* (1956), o autor retrata a sua terra natal como uma espécie de “mundo” à parte, longe dos centros metropolitanos, e com uma identidade própria: “[As aldeias de Portugal são] pequenos formigueiros humanos com *uma humanidade quase bíblica*, que pouco variou desde séculos, íamos dizer desde o princípio do mundo” (1963: 83, *italico meu*).

Do mesmo modo, *Quando os Lobos Uivam*, um dos últimos romances de Aquilino, apreendido pelo Estado Novo, retrata uma comunidade rural antiquíssima, preservada e inalterada como se desde os primeiros dias da humanidade. A narrativa estabelece, desde as primeiras páginas, a noção de uma sociedade congelada no tempo: “Com a breca, [Manuel Louvadeus] achava tudo tal qual! Os dez anos de ausência apagaram-se

como um sopro perante a obsessiva eternidade que se lhe oferecia ao lance de olhos” (2014: 13). As aldeias da Serra dos Milhafres (o cenário ficcional da narrativa) aparecem-nos como artefactos, comunidades atrasadas que se recusam a ser tocadas pelo presente: “A aldeia, tal como se acha hoje com um atraso de muitos séculos sobre o mundo civilizado, queda indiferente à aventura. (...) O que condiz é a serra como está.” (*idem*: 78-79). O autor estabelece ainda uma relação directa entre a idade da serra e a da existência humana: “A serra era de nossos pais e avós, dos nossos rebanhos, dos lobos que no-los comiam (...). A serra foi dos serranos *desde que o mundo é mundo*, herdada de pais para filhos” (*idem*: 34, *itálico meu*). Desta forma, o entorno natural é apresentado como um elemento indispensável da identidade do serrano, como lembra o narrador: “A serra é por assim dizer a extensão universitária destas aldeias rupestres, desabridas e broncas, autênticas terras do Demo. E aldeias e serras estão consubstanciadas até a sua fibra mais íntima” (*idem*: 69).

II: O apocalipse deste mundo rural

Perante esta visão de uma sociedade totalmente dependente do seu entorno, qualquer ameaça ao ambiente implica necessariamente uma batalha existencial. No romance, a teimosia do Estado Novo em expropriar os terrenos da Serra e arborizar o território é retratada como uma força destrutiva, que destrói os recursos essenciais para os aldeões: “Nós não temos tapadas nem bosques. Temos umas belgas à beira do rio, que dão centeio e milho, e é a serra que dá o leite e a lã, pois que ali se apascenta o nosso vivo. (...) Se não dispusermos da serra, no Inverno morremos entiritados” (*idem*: 70-71). Neste contexto, o autor remete para a fragilidade e o estado de dependência da economia rural em Portugal durante a época, como Álvaro Cunhal comentou no seu prefácio ao romance, escrito em 1963: “Com a actual estrutura agrária, tirar os ‘baldios’ aos povos serranos é dar um golpe mortal ao efectivo pecuário dos camponeses pobres, reduzir a sua já pobre vida a um nível de miséria, liquidar as pequenas explorações camponesas dessas regiões” (2008: 14). No entanto, para além de colocar em causa a sobrevivência económica e física dos habitantes com o seu projeto de destruição, o Governo retratado no romance ameaça a própria essência serrana, que depende dos elementos naturais: “Os senhores propõem-se cobrir os penhascos de arvoredo,

remover o cascalho dos oiteiros, atulhar as ravinas e os barrancos. Vão destruir o retrato da família. Aquilo é o retrato da família serrana. (...) Os penhascos são a âncora do seu próprio sentimento” (Ribeiro 2014: 74-75).

Neste cenário, a causa apocalíptica é, paradoxalmente, aquilo a que as autoridades chamam progresso ou desenvolvimento urbano, o inimigo das tradições eternas do campo. Segundo o Engenheiro Streit, representante do Governo de Lisboa, as forças de modernização não podem poupar as comunidades antiquadas:

O progresso não é um ferro de engomar. Alguma coisa vai cilindrando na sua marcha. Sempre assim foi. O comboio matou o almocreve; o automóvel está a matar o comboio; amanhã o automóvel será vítima do avião. Entravar a renovação do mundo em nome de coisas que apenas têm de recomendável a poesia de que as cerca a madureza dos nossos hábitos não é de admitir. (*idem*: 68)

Seguindo esta lógica, o Engenheiro considera que, para transformar em realidade o sonho da modernização, será necessária a morte definitiva da comunidade. Assim, a oposição das aldeias à arborização da Serra torna-se “o mundo rural que luta pela sobrevivência”, tal como identificado por Luís Vidigal (2009: 218), sendo uma luta que assumirá proporções bíblicas. Quando as autoridades salazaristas chegam com as suas máquinas para começar as obras na terra, a resposta dos serranos remete para a própria linguagem do Apocalipse: “Então o *dia de juízo* estava a amanhecer!” (Ribeiro 2014: 196, *italico* meu). O combate entre os serranos da Beira Alta e os engenheiros vindos de Lisboa é-nos apresentado como uma batalha final, de vida ou morte: “se correr sangue, muito sangue, salva-se a serra. Mas só assim com um grande baptismo...” (*idem*: 94). Assim sendo, os lisboetas colocam em causa a existência de todo o “mundo” tal como concebido pelos habitantes: “Os gritos bem lhes advertiriam que ia ser ali o fim do mundo: Leva avante! Leva avante!” (*idem*: 206).

Todavia, as aldeias perdem esta “batalha” contra o Governo invasor, e perdem a guerra. Os opositores são presos, o Governo toma conta dos perímetros da Serra, e começa o colapso do mundo rural. A partir deste momento, Aquilino descreve um ambiente de apocalipse paulatino, em que os actos das autoridades levam a cabo a devastação desta sociedade beirã. É a paisagem natural da Serra dos Milhafres que mais

sofre nas imagens infernais de destruição: “Cem homens ali, outros cem mais longe, capinavam o mato, faziam queimadas (...). De manhã ao sol-pôr era ali uma inferneira ininterrupta, com os motores a atroar a morrinha hibernal do planalto” (*idem*: 351). Assim, Aquilino remete para um elemento importante nas narrativas apocalípticas: a destruição pelo fogo, que já foi salientado por Pedro Eiras (2014). Podemos considerar, por exemplo, os incêndios causados pelo primeiro anjo no Apocalipse bíblico: “O primeiro anjo tocou a trombeta. Saraiva e fogo, misturados com sangue, foram lançados sobre a terra; queimou-se uma terça parte da terra, a terça parte das árvores e também toda a erva verde” (Ap 8:7).

No entanto, o que João de Patmos não contempla é a participação do próprio ser humano na destruição do seu mundo, como acontece aqui nas ações de Teotónio Louvadeus: “Ajuntou mato, carquejas, ramos secos (...). Acendeu um fósforo, viu as primeiras flamechas, voltou a cavalgar, e toca rumo ao Norte” (Ribeiro 2014: 399). É verdade, como relembra Pedro Eiras, que a vinda do fogo pode ser bem aceite, e que em determinadas circunstâncias o ser humano poderá ter um “desejo de entrega ao incêndio” (2014: 25-26). Não obstante, as imagens que se seguem, de devastação terrestre e de atmosfera tóxica, são tudo menos agradáveis: “À noitinha, a serra dos Milhafres era um pavoroso mar de chamas. O calor sufocava. Já os primeiros rescaldos, empestando a atmosfera, exalavam um hausto envenenado, que era molesto respirar.” (Ribeiro 2014: 402). Estamos perante a abertura das portas do Inferno nas terras do Demo.

Simultaneamente, não é apenas o fogo que erradica esta comunidade beirã. Testemunhamos também o efeito destrutivo das secas e da água: “Anos andados, depois de longa estiagem à feição do Ceará, desabou sobre a serra dos Milhafres trovoadas nunca vista. A corda de água levou pontes e alpodras, arrastou as terras aráveis, socavou os maninhos, e teve assediados nos redios e em perigo a gados e homens” (*idem*: 402). Consideremos, mais uma vez, as imagens do fim contidas no Apocalipse. Não será a trovoadas que o sétimo anjo utiliza para fechar o ciclo de devastação? Voltemos à Bíblia: “E houve vozes, e trovões, e relâmpagos, e houve um grande terremoto, como nunca houve desde que há homens sobre a terra; tal foi este tão grande terremoto” (Ap 16:18). É também o caso de *Quando os Lobos Uivam*, em que os elementos naturais apocalípticos

são o último prego no caixão desta comunidade serrana. Fecho do circuito; fim do mundo rural.

III: Depois do fim

No seu livro *After the End: Representations of Post-Apocalypse* (1999), James Berger afirma que, na ficção pós-apocalíptica, o leitor normalmente vê os acontecimentos do apocalipse numa sequência errática: “Temporal sequence becomes confused. Apocalyptic writing takes us after the end, shows the signs prefiguring the end, the moment of obliteration, and the aftermath” (1999: 6). Por sua vez, neste romance de Aquilino, o autor retrata o fim do mundo através de uma cronologia lógica e coerente: uma comunidade antes de ser destruída, os sinais que apontam para o seu fim, o momento da sua erradicação, e o que resta depois do fim, num ambiente obliterado. Nesta última parte, Aquilino retrata uma paisagem devastada por múltiplas forças destrutivas, do ser humano e da natureza: “Aqui, além, no assomo dos cerros e lombas estiradas, os pinheirinhos, tendo despido a rama abanados pelo ciclone, perfaziam, negro e convulsos, uma lamentosa paisagem de guerra” (2014: 402). O tom pós-apocalíptico deste último capítulo é salientado pelo pânico das entidades religiosas: “*O mundo anda fora dos eixos!* – clamavam os curas do alto dos púlpitos” (*ibidem*).

No entanto, neste *Waste Land* da Beira Alta, o apocalipse não terá sido uma oportunidade para fazer tábua rasa e começar de novo, como defendem Rosa Maria Martelo (2014: 10) e Maria Manuel Lisboa (2011: 8). Nesta terra de depois do fim, não resta ninguém, apenas os lobos que aparecem nas últimas páginas da narrativa. Lobos que andam pelos terrenos onde antigamente habitavam seres humanos, mas que agora se encontram abandonados: “Passaram à beira da Rochambana onde dantes havia bulício, gado, sempre gente a levar e trazer e cães ladradores. O sítio agora estava silencioso como um fojo.” (Ribeiro 2014: 408). Retomo outra questão colocada na comunicação de Raquel S.:

Construímos, em anos e anos de história, uma ideia de que o fim é um começar de novo, uma espécie de purga do que está errado, que traria mundos novos e renascimento. E se, em vez disso, tudo terminar num fim final, num silêncio imenso? E se tudo o que existe deixar de existir? Se ficar só o lugar do que já lá estive (se é que isso fica)? (2015: 37)

Pois bem, no apocalipse de Aquilino, as terras ficam no seu lugar, elas não desaparecem, mas é apenas isso. E os restos, os restos da comunidade que existia, na forma de ossos humanos: “Ah, mas que era aquilo, branco, cuspidado da água, depositado pelo aluvião (...) ? Ossos, um braçado de ossos que o refluxo desenterrara, e que, lavados da ganga, reluziam como a neve” (Ribeiro 2014: 409). Trata-se dos resíduos de uma civilização do passado, condenada a ser apenas uma memória histórica.

Em jeito de conclusão, recordo um comentário de José Saramago sobre o Mestre Aquilino, numa entrevista de 1985: “o mundo aquiliniano já não existe, é arqueologia” (1985: 100). Se assim for, se a sociedade beirã de Aquilino Ribeiro de facto desapareceu, é em *Quando os Lobos Uivam* que o autor contempla esse apocalipse. Segundo Pedro Eiras, “importa agora interrogar a ruína apocalíptica não como profecia, mas como descrição de um presente: o fim do mundo é hoje” (2014: 30); para Aquilino, o fim do seu “mundo” acontecia em 1958: “Aquilino tem a consciência exacta de que a sua aldeia, essa dupla aldeia, a real e a imaginária, está ameaçada de morte”, escreve Eduardo Lourenço (1985: 21). Assim, numa das suas últimas obras literárias, Aquilino reflete sobre os primeiros sinais de morte das comunidades rurais, devido às atividades do Governo salazarista da época. A relação entre esta narrativa e a actividade do Estado Novo é corroborada, aliás, pelo relatório da censura do livro: “todo ele foi architectado para fazer um odioso ataque à actual situação política” (Nazaré, *in* Ribeiro 2014: I), assim como no prefácio de Álvaro Cunhal: “Ante os olhos do leitor, surge, em ricas cores, um quadro característico da actual vida social e política portuguesa” (2008: 13).

Ao longo das décadas seguintes, o começo do fim das comunidades rurais retratado em *Quando os Lobos Uivam* viria a concretizar-se, devido ao êxodo rural e aos fenómenos da globalização e da urbanização. Para o leitor de hoje, o romance aparece como uma narrativa de depois do fim, porque, nas palavras de James Berger, trata-se de um apocalipse que já aconteceu:

In the late twentieth century we have had the opportunity, previously enjoyed only by means of theology and fiction, to see after the end of our civilization – to see in a strange prospective retrospect what the end of the world would actually look like: it would look like a Nazi death

camp, or an atomic explosion, or an ecological or urban wasteland. (...) We have been able to see these things because they actually occurred. (Berger 1999: VIII)

Na verdade, há partes da Beira Alta de hoje que bem poderiam ser terras pós-apocalípticas. Em alguns cantos da serra, não existe alma viva, apenas os lobos que uivam.

Bibliografia

AA.VV. (1991), *Bíblia Sagrada*, 15^a ed., Lisboa, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos).

Antunes, Manuel de Azevedo (2005), *Vilarinho da Furna: Memórias do Passado e do Futuro*, Lisboa: CEPAD/ULHT.

Berger, James (1999), *After the End: Representations of Post-Apocalypse*, Minnesota: University of Minnesota Press.

Cunhal, Álvaro (2008), "Prefácio" [1963], in Aquilino Ribeiro, *Quando os Lobos Uivam*, Lisboa: Edições Avante: 7-21.

Eiras, Pedro (2014), "Do fim do mundo pelo fogo: cinzas e purificação", in AA.VV., *Materiais para o Fim do Mundo 1*, Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, <http://www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Libretos/Files/54ec5c5f17bb0.pdf>: 25-35.

Freitas, Manuel de Costa (1991), "Mundo", in AA.VV., *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Tomo 3, Lisboa/São Paulo: Verbo: 1031.

Lage, Rui (2016), *Estrada Nacional*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Lisboa, Maria Manuel (2011), *The End of the World: Apocalypse and its Aftermath in Western Culture*, Cambridge: Open Book Publishers.

Lourenço, Eduardo (1985), “Aquilino ou as duas aldeias”, in *Colóquio/Letras*, nº 85, Maio: 15-21.

Margarido, Alfredo (1985), “A aldeia: centro vital da visão do mundo de Aquilino Ribeiro”, in *Colóquio/Letras*, nº 85, Maio: 32-42.

Martelo, Rosa Maria (2015), “Fim do mundo/reiniciar”, in *Elyra: Revista da Rede Internacional Lyracompoetics*, nº 5, Porto: Universidade do Porto, <http://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/73/74>: 9-19.

Nazaré, José Martins (2014), “Relatório Nº. 6.282: ‘Quando os Lobos Uivam’” [1959], in Aquilino Ribeiro, *Quando os Lobos Uivam*, Lisboa: Bertrand: I-II.

Pelicano, Jorge (2006), *Ainda Há Pastores?*, Portugal: Costa do Castelo.

Ribeiro, Aquilino (1963), *Romance de Camilo*, Lisboa: Bertrand [1956].

-- (2014), *Quando os Lobos Uivam*, Lisboa: Bertrand [1958].

S., Raquel (2015), “Antes de depois (fim de mundo em *Finisterra*, de Carlos de Oliveira, e *Beginning to End*, de Samuel Beckett)”, in AA.VV., *Materiais para o Fim do Mundo 3*, Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, http://ilcml.com/wp-content/uploads/2015/09/Libreto_Materiais-para-o-Fim-do-Mundo-3.pdf: 35-49.

Sampaio, Jorge (2005), “Discurso do Presidente da República por ocasião da Sessão de Abertura do Colóquio «Poder Local em Tempo de Globalização: uma história e um futuro»”, in Fernando Taveira da Fonseca (ed.), *Poder Local em Tempo de Globalização: uma história e um futuro*, Coimbra: Universidade de Coimbra: 7-12.

Saramago, José (1985), “Significado actual da obra de Aquilino Ribeiro”, in *Colóquio/Letras*, nº 85, Maio: 99.

Vidigal, Luís (2009), “Polémicas portuguesas: Aquilino entre a tradição letrada e a modernidade globalizada”, in António Manuel Ferreira & Paulo Neto (eds.), *Voltar a Ler – Aquilino Ribeiro*, Aveiro: Universidade de Aveiro: 207-221.

Peter Haysom (Newton Abbot, 1991) é licenciado pela Universidade de Cambridge (Reino Unido) em Línguas Modernas e Medievais (Espanhol e Português) e mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em Dezembro de 2016, completou o seu curso de Mestrado com uma dissertação intitulada *Mapeando as “Margens de Areia”: Políticas de localização em Novas Cartas Portuguesas*. As suas áreas de interesse académico incluem a literatura lusófona, os estudos feministas, a literatura regional e regionalista, e a geografia literária/geocrítica, considerando a importância do espaço geográfico na literatura portuguesa.